

# A exposição de Marcel Duchamp no MAM-SP vista sob a ótica de Jean Davallon

Este artigo consiste em uma análise da exposição de “Marcel Duchamp: Uma obra que não é obra ‘de arte’” - ocorrida entre julho e setembro de 2008 no Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo. A análise se dá a partir da teoria de Jean Davallon, autor francês que desenvolve uma abordagem sócio-semiótica dos fenômenos comunicacionais nos museus. Este autor discute a contribuição da semiótica e da teoria da recepção para analisar como a exposição comunica e como se dá a construção de sentido em seu interior. Primeiramente é apresentada a exposição, o artista e seus principais conceitos. Logo após, a base teórica de Jean Davallon e na sequência é feita a análise do espaço expositivo.

**Palavras-chave:** exposição de arte, comunicação, semiótica, organização da exposição

*This article describes an analysis about the Marcel Duchamp's exhibition "A work that is not a 'work of art'" organized at the MAM - Modern Art Museum of São Paulo, Brazil - between July and September, 2008. The exhibition analysis work presented here is supported by Jean Davallon's theories. This French author develops a social semiotics approach for the communication strategies discussing how the semiotics and reception theories are used to build up the sense by the museums visitors. In this article the exhibition is presented first, the artist and his main concepts thereafter. Subsequently, the Davallon's theoretical basis and finally the Duchamp's exhibition analysis work*

**Key words:** Art exhibition, communication, semiotics, exhibit organization

# Duchamp / sobre a exposição.

*A exposição MARCEL DUCHAMP (1887-1968): Uma Obra que não é uma obra “de arte” ocorreu no período de 15 de julho a 21 de setembro de 2008, no Museu de arte moderna de São Paulo no Parque do Ibirapuera. A curadoria é de Elena Filipovic e expografia do estúdio Caruso-Torriccela, de Milão.*

*A proposta parte do questionamento do artista colocado em 1913: “Pode alguém fazer obras que não sejam ‘de arte’?”.*

*“A mudança sinalizou o início de sua desobediência as idéias tradicionais do que é levado em conta como obra de arte e lança as bases do que o tornaria o artista mais influente dos séculos XX e XXI.”*

*A mostra começa justamente no momento em que o artista coloca a questão que dá nome a exibição, que coincide com o momento em que a obra de Duchamp muda de figura, e ele passa a conceber os objetos ready-made, entre outras inovações como pode ser visto no catálogo da exposição: “ele inventou um novo sistema de medidas, ao declarar a ‘arte’ um*

*experimento; criou várias cópias fotográficas de suas anotações; usou o acaso (chance) para fazer música e foi o primeiro a usar a fotografia e a perspectiva para redefinir a pintura.”*

*A exposição trouxe trabalhos inéditos no país, como a réplica do “Grande Vidro”, a “Caixa de 1914”, uma reprodução do “Étant Donnés”, feita dentro de uma “caixa” em que os visitantes podem olhar dentro.*

*No espaço expositivo existem algumas dessas salas “encaixotadas” que não podem ser adentradas, mas cujo interior - que encerra reconstruções do atelier do artista ou de exposições inteiras montadas por Duchamp - pode ser espiado. Como a instalação “1.200 sacos de carvão”, da “Exposição Internacional do Surrealismo” de 1938, em Nova York.*

# Análise do espaço expositivo sob a ótica de Davallon

A exposição será analisada segundo a proposição apresentada no livro do francês Jean Davallon, *L'exposition a l'oeuvre*, que discute a contribuição da semiótica e da teoria da recepção na análise da comunicação e construção de sentido da exposição. Sob este ponto de vista foi feita uma análise da mostra de Duchamp.

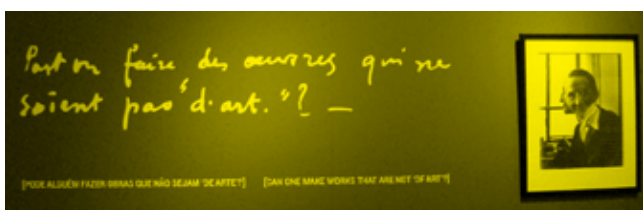
Segue os principais pontos desta análise, precedidos por uma pequena introdução da teoria de Davallon.

**1. O PROPÓSITO:** O propósito da exposição é definido por categorias conhecidas: arte, ciências, técnicas, comerciais, memória, etc.

Esta é uma exposição de arte. É uma retrospectiva em essência mas que exhibe obras até então inéditas no Brasil, tendo a pretensão de gerar um acontecimento histórico por ser a primeira exposição individual do autor na América Latina.

**2. A INTENÇÃO:** Produzir um efeito, seja um prazer artístico, transmitir um saber ou compreensão, uma identidade, divertir ou vender. De acordo com a resposta à intenção revelam-se classificações 'embutidas' nas exposições: estéticas, semióticas, sociais, políticas, etc.

A intenção declarada da curadora Elena Filipovic: "Destacar a complexidade da oeuvre de Duchamp e o seu desafio aos fundamentos da arte da sua época e ainda dos nossos dias".



Os objetos ready-made, como a pá de remover neve, a roda de bicicleta ou o mictório de porcelana ganham com Duchamp um estatuto artístico apenas pelo fato de tirá-los do contexto original (o mundo real), destituí-los da sua funcionalidade transformando-os numa obra artística. Duchamp leva os objetos do cotidiano a outro mundo, que poderíamos chamar de mundo utópico, mundo esse que se forma na mente do espectador.



A percepção do visitante (o olhar) cede lugar à interpretação. O olhar passa a exigir o pensamento, uma reação intelectual: a busca do significado.

**Mise en exposition:** Para Duchamp o modo de expor as coisas influi muito no nosso entendimento delas, ou seja, a percepção e o desejo mudam ou são condicionados pela maneira como os objetos em exibição ocupam o espaço.

**Estéticas:** O repensar a obra 'de arte' é o foco principal desta exposição. A concepção dos objetos ready-made marcou uma revolução na história da arte ao refutar a idéia segundo a qual a arte deveria consistir apenas de peças únicas e originais de pintura ou de escultura realizadas cuidadosamente para serem vistas.

**3. A INTENCIONALIDADE.** Pode ser dividida em nas seguintes categorias:

**Constitutiva:** é a operação de 'mise en exposition', isto é, a operatividade da exposição (colocar em exposição). A exposição opera no sentido de instigar a interpretação do que é exposto. Contemplar a 'obra' já não basta.

Diversos experimentos são exibidos por meio de estudos, réplicas ou reconstruções. As peças estão organizadas em grupos: ready-made, óptica, perspectiva, transparência, humor, reprodução, performatividade e erotismo, que enfatizam as preocupações de Duchamp e o seu grande interesse sobre a exposição e a exibição.



“Tomando o objeto feito anonimamente, Duchamp desferia um golpe mortal na noção clássica de arte. Quando em 1913 ele apresentou Roda de bicicleta, tecnicamente um ready-made modificado ou assemblage, Duchamp, como já foi dito, converteu-se na principal voz a se levantar contra a arte retiniana e a noção do artista como um trabalhador manual, noções que haviam se consolidado no século XIX no processo de reação à progressiva perda do papel de quase total exclusividade da pintura na produção de imagens e símbolos. (...) Deslocado de seu habitat, o objeto doméstico, à maneira de um trocadilho - jogo de que Duchamp tanto gostava - passa a demoníaco; colocado em outro contexto, desmontada a sintaxe, o objeto converte-se em outro, de afável e familiar transforma-se em obstáculo, corpo estranho.”

Comunicacional: Põe em ação as estratégias comunicacionais, que levam a diferentes formas textuais, onde intervém diversas linguagens: imagem, música, palavra, som, vídeo, projeções, cinema, etc. mostrando a poli valência da exposição.

Uma série de projeções que permitem ao visitante ‘espionar’ os diferentes espaços de exibição que Duchamp elaborou durante sua vida. A criação do Museu Portátil (Boîte-en-valise), dos quais várias peças estão exibidas nesta exposição reproduzem numa única caixa toda obra de anos do autor.

Os efeitos ópticos: O ponto de vista, combinado com efeitos de luz e sombra assim como com o movimento das peças ou a sua disposição que exigem a observação segundo um ângulo definido para comporem um mosaico, mudam a interpretação do espectador e o significado que é atribuído ao objeto contemplado.



As reproduções de peças como a transparência *La Mariée mise à nu par ses Célibataires* (1915-23), combina sombras e perspectivas. Uma peça original do famoso mictório: *Fountain* (1917), exposta apoiada de maneira diferente sobre uma base da que lhe dá funcionalidade muda completamente a forma de vê-la, parecendo até com a figura de um Buda.



Fica a mercê do visitante perceber a seqüência dos grupos de obras: ready-made, óptica, perspectiva, transparência, humor, reprodução, performatividade e erotismo. Essas interpretações são deixadas para o visitante, reforçando o conceito de recepção abordado “(...)cada nova leitura é uma interpretação, e que são

milhares de interpretações de uma mesma obra, sempre novas e diversas, de acordo com a diversa personalidade dos leitores; mas acaba por conceber esta multiplicidade como conseqüência fatal de um intimismo que reduz qualquer coisa a atividade subjetiva e arbitrária, e por desconhecer a realidade imutável e constante da obra de arte. Feliz no recordar, que toda a operação humana, até a mais receptiva, tem sempre um caráter ativo, essa concepção acaba por exagerar a atividade numa absoluta criatividade, esquecendo que é difícil pensar numa receptividade mais ativa do que a leitura de uma obra de arte, onde receber é reconstruir, fazer reviver, interpretar, penetrar, colher, e onde, na verdade, trata-se de não inventar mas executar, não de criar, mas de recriar, não de dar vida, mas de desperta-la”.

Basicamente a exposição apresenta quatro linguagens: os objetos, a palavra escrita, projeções e fotografia. Não há dispositivos interativos apesar das obras performáticas provocam o efeito dinâmico do movimento, mas não chegam a ser interativos uma vez que não há a colaboração direta do espectador. Este, quando muito, aciona o botão de ligar, mas de resto se põe a contemplar o que acontece sem poder interferir no funcionamento do dispositivo.

No sentido como o define Davallon, pode-se dizer que a exposição não chega a explorar a intervenção de várias outras formas textuais.

## A construção do espaço deve satisfazer a três condições

Ambientação: A idéia é conduzir o visitante em direção ao objeto, com a finalidade de comunicar-se com ele.

O projeto se desenvolve em função do conceito de um “Visitante Modelo”. O layout - percurso físico da exposição - deve atuar como um mecanismo capaz de prever os movimentos deste visitante. Suas finalidades principais são: produzir a sua compreensão pessoal e também num contexto comunicacional dada pelo curador.

A exposição de Duchamp é, um mosaico com partes dispostas no espaço onde o visitante não iniciado se perde. Entrando no ambiente expositivo, o visitante depara-se com um salão acético. Piso negro brilhante, paredes negras, pouca luz ambiente. Um local criado para contemplação e reflexão.

A luz vinda de spots pendurados no teto estão dirigidos para as peças expostas. Pouca cor quebrada aqui e ali por algumas peças expostas como a Noiva (madeira da moldura), a janela pintada verde, peças móveis (performáticas) com cores azul e verde.

O contraste entre as peças (a Roda de bicicleta sobre o banquinho e o Mictório) expostas sobre prismas de base retangulares pintados de negro. Os objetos (esculturas) estão dispostos perto da parede para produzirem um efeito de sombra na parede. Sombra essa que se compõe com o objeto formando imagens.

A intenção da ambientação é evidentemente concentrar a visão do espectador sobre as peças expostas através da oposição negro/escuro (ambiente, bases, paredes) vs. branco/claro (mictório, banquinho e roda de bicicleta) .

O intuito da ambientação da exposição “Marcel Duchamp: Uma Obra que não é uma obra ‘de arte’”, é quebrada pela presença de muitas pessoas num espaço apertado.

Davallon diz que a exposição é a organização de objetos num espaço. Essa disposição é a ambientação ou o layout, que vem a ser a linguagem da representação do espaço e do volume nos planos de arquitetura.

Provavelmente a proposta da exposição não era atingir um grande público. Não foi organizada para uma exposição de massa. Parece tampouco ser proposta para um público heterogêneo e não iniciado. A direção da exposição buscou reduzir o efeito da superlotação do espaço limitando a entrada do público, o que de outro lado causou uma enorme fila fora do MAM. Gerou



assim um espectador cansado que pouco se disporia a estar em pé contemplando as peças. Rompe-se assim, pelo cansaço do espectador, a comunicação pretendida pelo curador num contexto não previsto.

Já vimos que a ambientação conquanto tenha sido bem elaborada não favoreceu muito a compreensão do visitante, uma vez que o contexto comunicacional se rompeu com certa facilidade pelas condições da arquitetura do espaço e do edifício.

Por outro lado, a ambientação como a ‘disposição das coisas dentro do espaço’ está muito longe de seguir um projeto didático. A exposição expõe, é verdade, expõe as obras com um certo impacto, mas está longe de conduzir a uma compreensão para os aqueles que desconhecem Duchamp.

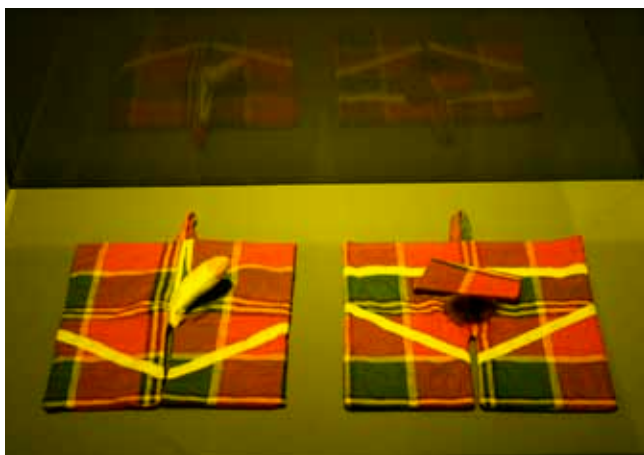
Dispositivos de Enunciação. O efeito pretendido do dispositivo é a significação. O visitante é levado ao mundo do objeto (mundo utópico). Um objeto cultural concreto. A exposição como objeto cultural pode ser definida como um dispositivo no qual se produz a recepção.

As Reproduções: a principal e mais importante é a “Noiva despida por seus Celibatários”, uma complexa trama erótica que se forma pelo arranjo de objetos mecânicos desenhados sobre o vidro a óleo e com fios de chumbo. Os ready-made: produzem ainda hoje um efeito bastante impactante, como o Mictório a Janela verde, o porta garrafas, a ampola de vidro, cujo intuito é de dar um estatuto artístico a objetos apenas pelo fato de tirá-los do seu contexto original e ser exibido em um museu, com o aval de um curador.



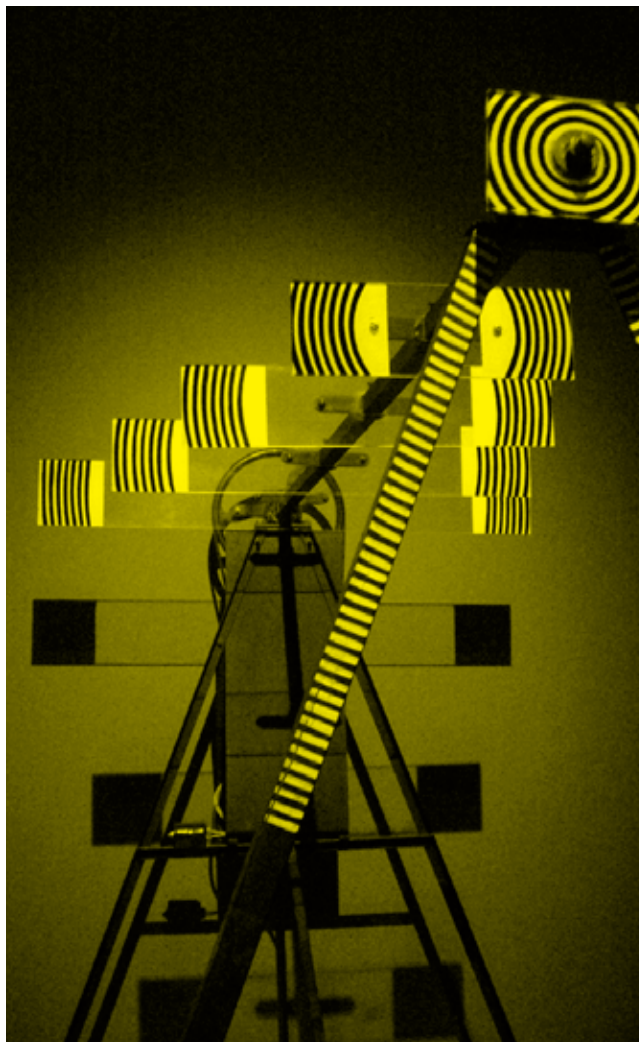
Eróticos: o jogo de aventais, uma representação erótica bem humorada dos originais usados para identificar os visitantes da “Exposição internacional do surrealismo”. Uma ironia irreverente do artista para os visitantes de 1938 em Nova York e que ainda causam impacto e riso nos visitantes.

Mas está aí mais uma questão a ser colocada: àqueles que não conhecem o histórico da exposição não é esclarecido qual era a função de tal objeto. Não fica clara a ligação entre este elemento e o ambiente “encaixotado” logo ao lado do objeto exposto (da exposição internacional). Ou seja, não explicando, fica a critério do público deduzir um significado para tal objeto.



Os performáticos: peças que se movimentam produzindo efeitos visuais, cujo significado é a metamorfose das representações do movimento – a dinâmica do movimento produzindo impressões visuais.

Renata Dias de Gouvêa de Figueiredo  
autora



As stoppages: barbantes lançados do alto sobre telas no chão. As figuras formadas pelo barbante são depois coladas na tela com a finalidade de observar-se os interessantes contornos que as curvas do barbante tomam. Uma experiência lúdica.

As miniaturas: o autor miniaturizou a própria obra. Um Museu Portátil (Boites-en-valise) cujo objetivo era tornar possível observar de uma só vez anos de produção artística do autor.

O Contrato Comunicacional. Esse “contrato” tem por base a veracidade e a autenticidade do que é mostrado, dando credibilidade à exposição.

Esses conceitos são garantidos por instituições como o Philadelphia Museum of Art, o Moderna Museet de Estocolmo, a Duchamp Sucession da França, Galerie 1900-2000 de Paris, Indiana University Art Museum dos Estados Unidos, entre outros, que garantem uma relação de respeito com relação as obras expostas. Além do próprio MAM, que confere credibilidade ao que é exposto em seu espaço.

Clice Toledo Sanjar Mazzilli  
orientadora/co-autora



## Funcionamento midiático da exposição

Segundo Davallon, o funcionamento midiático da exposição se relaciona com o modo de recepção do visitante.

A partir daí ele classifica a exposição.

No caso da mostra do MAM, da forma como a percebemos, classificariamos como uma exposição de arte, na verdade como dissemos no início quase uma retrospectiva. Porém em certos aspectos também documental, em consideração ao conteúdo que apresenta.

O tema principal é a incessante preocupação do autor em questionar a arte e o museu. Duchamp inovou. Abalou os alicerces da arte. Trouxe para o seu trabalho artístico aspectos mais intelectualizados, como visto no início deste texto.

Se, conforme afirma Davallon, o funcionamento midiático da exposição realiza a relação entre o objeto e o receptor com a finalidade de produzir significado, as obras ready-made expostas na exposição o faz, uma vez que Duchamp consegue dar outro significado a objetos do cotidiano só pelo fato de retirá-los do seu mundo, suprimir-lhes a sua funcionalidade levando-os para dentro da exposição e dando-lhes novo significado num novo mundo.

## A exposição como um texto

- A exposição não é um texto: é a simples apresentação dos objetos e sua ação se limita a otimizar tecnicamente a recepção do que é apresentado;

- Ela é uma disposição de objetos cujo sentido é dado por textos em linguagem natural (etiquetas, painéis, fotos, cartazes, etc);

- A mostra corresponde a formas textuais diversas resultantes de estratégias diferentes. Pode ser discursiva ou exposição de objetos.

Marcel Duchamp no MAM segundo as características que apresenta não pode ser considerada como um texto. Esquemáticamente, e com base nos conceitos emitidos por Davallon, assim caracterizamos a exposição do MAM:

- Os textos em linguagem natural não dão sentido a todos os objetos expostos. Na maior parte das vezes são apenas etiquetas que não chegam a por o visitante em relação com as coisas expostas.
- Não há uma grande proposta de cooperação do visitante. A abertura a essa proposta se dá apenas em alguns objetos do tipo performático.
- É basicamente uma exposição de objetos. Dá valor aos objetos autônomos e deixa o visitante ao sabor da sua própria interpretação.

# Conclusões

Para que a visita a uma exposição valha a pena, o visitante tem que sair dela melhor do que quando entrou. A mostra de Duchamp deixa na memória uma lembrança realmente importante dos objetos ready-made. Outra considerável inovação do autor é a questão do 'ponto de vista', do modo como um objeto é apresentado alterando a sua percepção e, portanto, a sua interpretação e o seu significado.

O ponto alto de Duchamp está no papel que ele propõe para o espectador: o ato de contemplar uma obra não basta. A percepção não é tudo.

Ela cedeu lugar à interpretação. O olhar passou a exigir o pensamento – a busca do significado

BIBLIOGRAFIA

DAVALLON, Jean. *L'exposition a l'oeuvre: stratégies de communication et médiation symbolique*. Paris, L'Harmattan, 2000.

FARIAS, Agnaldo. *Lições das Coisas (I)*. IN *Desígnio 7/8: Revista da Historia da arquitetura e do Urbanismo*. Annablume, setembro 2007, São Paulo.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. *Entre Cenografias. O museu e a exposição de arte no século XX*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2004.

"MARCEL DUCHAMP (1887-1968): Uma Obra que não é uma obra "de arte". *Catálogo da exposição*. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), 2008.

OLIVEIRA, Sandra Ramalho. *Imagem também se lê*. São Paulo: Rosari, 2006.

PAREYSON, Luigi. *Os problemas da estética*. São Paulo, Martins Fontes, 1997. 3º Edição.

Sites:

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-9702005000400018&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-9702005000400018&script=sci_arttext)

<http://diversao.uol.com.br/ultnot/2008/06/29/ult4326u979.jhtm>

"MARCEL DUCHAMP (1887-1968): Uma Obra que não é uma obra "de arte". *Catálogo da exposição*. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), 2008.

*Idem.*

*Ibidem.*

*Jean Davallon é professor e diretor de pesquisas na Universidade de Avignon, onde desenvolve pesquisas sobre o patrimônio, as instituições culturais e os processos comunicacionais de produção e recepção de cultura. É membro do Laboratório Cultura e Comunicação, também na Universidade de Avignon, desenvolve uma abordagem sócio-semiótica dos fenômenos comunicacionais nos museus.*

*idem.*

*FARIAS, Agnaldo. Lições das Coisas (I). IN Desígnio 7/8: Revista da Historia da arquitetura e do Urbanismo. Annablume, setembro 2007, São Paulo.*

*PAREYSON, Luigi. Os problemas da estética. São Paulo, Martins Fontes, 1997. 3º Edição*